

ÍNDICE

Prefácio 13

Introdução

A Idade Média, definição do Ocidente. A architectura e a civilização. Difusão dos estilos; uma língua, idiomas. Idade Média sedentária e Idade Média nómada. O universalismo. O espírito enciclopédico. A arte da Idade Média como humanismo. Os períodos, as técnicas e a vida do espírito 15

Livro Primeiro

ORIENTE E OCIDENTE. A ARTE ROMÂNICA

Cap. I *As grandes experiências. O século XI* 27

I — O período pré-românico. As invasões e a deslocação dos valores. Limites antigos, contribuições novas. — A restauração do Império do Ocidente. Regresso à grande architectura. Renascimento da figura nas artes preciosas. Persistência de velhos elementos orientais e bárbaros. Inovações dos séculos IX e X 27

II — Os grandes acontecimentos do século XI. Estabilização dos bárbaros. Recuo do Islão e libertação do Mediterrâneo. As monarquias estáveis. A vida urbana. Os homens novos. Função histórica dos monumentos. Os três aspectos da architectura no século XI. Formas mediterrânicas: a «primeira arte românica». Formas românicas: primeiros grupos franceses 34

III — A plástica. O bronze e o estuque na Alemanha. Renascimento da pedra no Ocidente. — Um academismo arcaico: a arte dos frisos, a personagem sob arcada. — Procura dum estilo monumental. Acordo da escultura e da architectura 57

IV — A ogiva no século XI. O problema das origens. A ogiva lombarda. A ogiva islâmica. A ogiva arménia. A ogiva normanda. 64

Bibliografia 70

Cap. II — *A igreja românica* 73

I — Os períodos da architectura românica e a vida das formas. A charneira, do século XI ao século XII. As forças históricas. A acção monástica. Cluny. As peregrinações. As estradas 73

II — Teoria da architectura. Os dados fundamentais. — A planta e o seu valor sociológico na arte românica. — A estrutura e a abóbada. — A concepção das massas. — Os efeitos: relações da luz e da sombra, dos cheios e dos vazios, do nu e da decoração 76

III — Geografia da architectura românica. Crítica da noção de escola. As filiações. — A Borgonha: a arte de Cluny; a arte de Vézelay. — O Auvergne e o Velay. — A região rodaniana. — O Languedoc. — O Poitou e a Saintonge 89

IV — A zona setentrional. A arte normanda e a sua expansão. A Inglaterra. Os Países Baixos meridionais. A arte imperial na Alemanha. — A zona mediterrânica. A Itália. — A arte românica dos países de cruzada. A importação. Novos contactos Oriente-Occidente. A Espanha. A Terra Santa 102

Bibliografia 114

Cap. III — *A decoração românica*

I — O sentimento épico na iconografia. A fonte apocalíptica. A teologia visionária. O velho Oriente. As teofanias. Metamorfoses do homem 115

II — O estilo. Técnica architectural da plástica. A colocação da escultura românica. A forma definida pela moldura. O capitel, a arquivolta, o tímpano. O painel e o princípio dos contactos. Experiências sobre o movimento. — A técnica ornamental da plástica. A escultura românica como dialéctica 118

III — As fontes. — As cristandades orientais. A Síria, o Egipto, a Transcaucásia e a arte suméria. — O Islão: o geometrismo. — A Irlanda: o cordiforme. — A arte carolíngia. — As tradições locais: a arte romana da Gália 126

IV — A questão dos princípios. O problema Borgonha-Languedoc. O problema Espanha-Languedoc. — As oficinas francesas. — Os grupos periféricos. — Evolução da escultura no século XII. O barroco românico 132

V — A arte românica e a cor. O problema da policromia. — Relações da ourivesaria, da iluminura, da pintura mural. A regra architectural da cor. — A pintura monumental. A técnica. Os grupos e as oficinas 148

Bibliografia 157

Livro Segundo

A ARTE GÓTICA

Cap. I — *A primeira arte gótica* 161

I — Nascimento duma arte da ogiva. Diversidade das experiências. Princípios românicos da arquitectura gótica na Ilha-de-França. — O problema da função e a controvérsia da ogiva. Desenvolvimento do sistema. Formas primitivas do arcobotante. 161

II — Saint-Denis e Suger. As grandes igrejas de tribunas e a ordenação em quatro andares. — O grupo de braços arredondados: Noyon, Soissons. — Futuro de Laon. Notre-Dame de Paris. — A ordenação em três andares: Sens 171

III — A arte cisterciense. As origens e os caracteres borgonheses. S. Bernardo. — O período românico da arte cisterciense: Fontenay. — O período gótico: Pontigny. — As variantes. O grupo do Languedoc. Expansão europeia da ogiva 181

IV — Os princípios da escultura gótica. Ressequimento da iconografia apocalíptica. As Virgens-relicários incrustadas nos tímpanos. Invenção do tema dos Precursores. — O estilo: as estátuas-colunas, último estado da conformidade românica. Esquecimento dos processos. Pesquisas novas 186

Bibliografia 190

Cap. II — *A idade clássica* 193

I — Grandeza e vitalidade da primeira arte gótica. — A idade clássica, as grandes catedrais francesas, triunfo do tipo de três andares. Chartres e o seu grupo: Reims, Amiens. — Combinação deste tipo e da ordenação de andares múltiplos. Bourges e o seu grupo: Le Mans, Coutances. Divergências entre Bourges e Paris. 193

II — A arte radiante não é inovação, mas requinte. O vazamento. A pedra a prumo. A Sainte-Chapelle. Reconstrução das igrejas do século XII. As rosáceas 202

III — As variações e as trocas. A arte francesa na Normandia. A arte do Laonnais e do Soissonnais na Borgonha. A arte francesa no Languedoc. As formas originais: Albi. A importação: as igrejas de Jean Deschamps. — O gótico mediterrânico. A Itália. As duas Espanhas: a Espanha gótica, a Espanha mudéjar 209

IV — A arquitectura inglesa. Independência da sua evolução. O *early english*. O estilo curvilíneo. — Os Países Baixos meridionais. Triunfo da arte radiante. — O Gótico românico na Alemanha.

Bibliografia 238

Cap. III — *A plástica monumental e o humanismo gótico* 241

I — As três idades do sentimento religioso. A iconografia no século XIII. O Cristo evangélico. A Coroação de Maria. A juve-

nilidade. — O quadro do mundo e o espírito enciclopédico. Os «espelhos». — Humanismo helénico, humanismo gótico, humanismo búdico	241
II — O estilo. Relações novas da architectura e da plástica. As molduras: o capitel, a arquivolta, o tímpano, o pé-direito. — O estilo monumental. A perspectiva das proporções e do tratamento. O modelado mural	249
III — As oficinas e a evolução. Os princípios. As oficinas das catedrais francesas na primeira metade do século XIII. — A idade praxiteliana da escultura gótica. A arte de Paris e a urbanidade. Evolução das molduras e dos tipos. As Virgens do século XIV. As artes preciosas. — O retrato funerário. — A expansão em França: o Sul rodaniense e o Sul toulousino. O problema flamengo	254
IV — A Itália gótica. A obsessão imperial e o aticismo toscano. — A Espanha: vitalidade da tradição românica, influências francesas. — A Alemanha, a escola saxónica. Bamberg, Naumburgo. — Originalidade da escultura inglesa. As molduras monumentais. A forma esbelta. Os alabastros	265
Bibliografia	275
Cap. IV — <i>A pintura gótica nos séculos XIII e XIV</i>	277
I — Os dois modos da pintura na Idade Média. A luz imitada. A luz interceptada. — O vitral francês. As origens e as primeiras oficinas. Saint-Denis. — Influência de Chartres em França e na Inglaterra. Os vitralistas parisienses. A Sainte-Chapelle. As rosáceas. — O século XIV. Os grisalhos. Novidades técnicas. Evolução do estilo	
II — Grandeza da pintura monumental na Itália. A catedral de Dante. A pintura antes de Giotto. A arte bizantina da Toscana: Cimabue. A arte pontifical romana: Cavallini. A arte popular, desde o êxodo dos monges sírios até aos primeiros ícones franciscanos. — Giotto e S. Francisco. O giotismo dá uma forma ao franciscanismo. — Os giotescos contra o giotismo. — Os Sienenses. O orientalismo toscano. A expansão sienense na Boémia, na Catalunha, em Avignon	284
III — A pintura francesa. Evolução da pintura mural num novo enquadramento e sob a influência dos vitrais. O estilo monumental na pintura profana. As câmaras pintadas, as «guerrerias». — Os quadros de oratório. — A miniatura francesa. O cânone de Winchester e de Villard de Honnecourt. O quadro architectónico no século XIII. Os dois primeiros terços do século XIV. Jean Pucelle. O camafeu. Invenção da gravura. — As grandes pesquisas do fim do século sobre a estrutura do espaço. Jacquemart de Hesdin, Jacques Coëne, os Limbourg	294
Bibliografia	299

Livro Terceiro

O FIM DA IDADE MÉDIA

Cap. I	<i>O irrealismo. O barroco gótico</i>	303
I—	Os movimentos históricos do declínio. Últimas deslocações dos povos. — O génio romanesco. O romance de Deus: os místicos. O romance do diabo: a feitiçaria. O romance do destino: a astrologia. A nostalgia cavaleiresca. A nostalgia da Antiguidade. — A curiosidade, os amadores: Jean de Berry. — Irrealismo e dramaturgia	303
II—	O desregramento da arquitectura. A arte flamejante. A contracurva e as suas origens: evolução interna ou importação inglesa. O movimento e a cor. Os efeitos contra a estrutura. Desordem das abóbadas. Disfarce das massas. Uma arquitectura pictural. Renascimento das formas românticas na decoração. — Os grupos franceses. Os grupos europeus	307
III—	A cidade e a casa. Unidade do desenvolvimento estilístico. O pano de madeira. O castelo. O palácio urbano. A torre de escada. O palácio de Jacques Coeur	319
	Bibliografia	324
Cap. II	<i>Sluter e Van Eyck</i>	325
I—	A escultura sob a influência da pintura. Os princípios borgonheses e o meio ducal. — Os antecedentes de Sluter. O portal de Champmol. Os túmulos, a liturgia dos funerais. O poço dos profetas, Moisés. — As oficinas sluterianas. As Virgens borgonhesas. — A escultura de placagem. Os retábulos, a óptica do teatro e do brinquedo. Os sepulcros, quadros vivos. As <i>Pietà</i> , a religião da dor.	325
II—	A pintura cria um mundo novo. As experiências pré-eyckianas na miniatura. Atraso dos pintores de painéis. — Van Eyck, o processo novo e a matéria pictural moderna. A poética de Van Eyck, o microcosmos. A composição. O génio analítico no estudo do mundo e do homem	329
III—	Roger Van der Weyden e o estilo monumental. O instinto estatuário. A composição em tímpano. — As escolas flamengas e os mestres. A tapeçaria. — Jerónimo Bosch. O reverso da Idade Média. Destruição do microcosmos. O anti-cosmos. Despertar dos monstros. A paisagem fantástica	335
IV—	A expansão flamenga. A Alemanha antes da influência de Van der Weyden: a arte westfaliana, os pintores da Hansa, a arte de Colónia. Subitanidade da metamorfose. A Alemanha do Sul. A Renânia. Força do grafismo germânico: Schongauer. As cidades dos concílios. Wytz. Os primitivos austríacos. — Os grupos ibéricos e a voga flamenga em Castela, na Catalunha e em Portugal	340
V—	A pintura francesa. A zona «flamenga». Diversidade dos focos, constância duma regra. — A tradição parisiense. O Oeste. Um despertar do passado, as <i>Horas de Rohan</i> . — O Sul, Avignon, os pintores de tímpanos. — O Loire, Fouquet, os seus antecedentes:	

os escultores das oficinas reais. O estilo monumental na pintura francesa	344
Bibliografia	349
à cultura italiana e à cultura ocidental	351
I — A Idade Média é um «renascimento». — A cultura gótica e a nostalgia romana em Itália. — Caracteres históricos comuns à cultura italiana e à cultura ocidental	351
II — As persistências medievais na pintura do <i>quatrocento</i> . Estas juntam-se às inquietações construtivas do grupo albertiano. Origens medievais da perspectiva. As cavalarias de Uccello. Os jogos de ilusão	353
III — As forças novas. A arquitectura toscana. — Regresso ao estilo monumental da pintura. Masaccio. — Fusão da vitalidade gótica e do pensamento antiquizante em escultura. — A qualidade medieval e o aticismo toscano preservam a arte italiana do século XV	356
Bibliografia	359

CONCLUSÃO

Arte do Ocidente. As tradições, as influências, as experiências. Orientalismo pré-românico, orientalismo românico. O espírito novo. Sobrevivência da Idade Média	
Índice onomástico	367
Índice das ilustrações no texto ...	383
Índice das ilustrações extra-texto	387